

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: UMA NARRATIVA REFLEXIVA SOBRE AÇÕES DESENVOLVIDAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Magali Ramos Santos¹

Elisete Santana da Cruz França²

RESUMO

A escola, como espaço de formação, desempenha uma grande influência nas experiências formativas vivenciadas pelos atores sociais a ela ligados. Sendo assim, esse estudo busca refletir sobre as atribuições desenvolvidas pelos profissionais de educação que atuam na Coordenação Pedagógica frente aos desafios da formação continuada em serviço, sua postura como educador formador, e as exigências que o atual contexto social solicita desse profissional no bojo de suas competências na escola. O texto está subdividido em três tópicos que evidenciam as vivências e narrativa dos coordenadores pedagógicos de escolas públicas que atuam com as séries iniciais. Evidenciando assim, os sentidos atribuídos pelos coordenadores pedagógicos as relações interpessoais e sua influência no cotidiano escolar; a coordenação pedagógica seu papel no contexto escolar e a formação em serviço, o papel do coordenador pedagógico como elemento articulador da elaboração do Projeto Político Pedagógico.

Palavras-chave: Coordenador Pedagógico. Educação. Formação.

RESUMEN

La escuela como un espacio de formación, ejerce una importante influencia en las experiencias formativas que experimentan los actores sociales que se le atribuye. Así, este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre las tareas desarrolladas por profesionales de la educación que trabajan en la Coordinación Pedagógica frente a los desafíos de la formación en el servicio docente y de su postura como formador, y las exigencias que el contexto social actual llama a este profesional en el medio de su habilidades en la escuela. El texto se divide en tres temas evidenciando las narrativas de los coordinadores de las escuelas públicas que trabajan con los primeros grados. Subrayando así la importancia atribuida por los coordinadores a las relaciones interpersonales y su influencia en la rutina de la escuela, el papel de la coordinación pedagógica en el contexto escolar y la capacitación en servicio, la función pedagógica de la coordinadora como articulador de la preparación del Proyecto Político Pedagógico.

Palabras clave: Coordinador de la Educación. Educación. Formación. Desfazer edições

A escola como espaço de mediação e interação, no trato com pessoas oriundas de diversos contextos, de características distintas, e olhares diferenciados, apresenta-

¹ Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da fundação Visconde de Cairu

² Professora da Fundação Visconde de Cairu. Mestre em Crítica Cultural – UNEB- Campus II

se como um espaço complexo e desafiador , tendo em vista a gama de crenças e valores ali inseridas, então faz-se necessário que o coordenador pedagógico, sujeito desse estudo, como líder e articulador atuante na escola, tenha atrelado à sua pratica algumas aprendizagens necessárias a sua atuação como educador, frente ao educando e comunidade em geral.

A experiência profissional adquirida durante os anos de atuação, seja como professor, como algumas vezes o coordenador inicia suas atividades, ou mesmo como coordenador pedagógico, é um fator social relevante no que se refere ao bom desempenho de suas atividades, contudo não é possível ficar restrito apenas às situações vivenciadas no cotidiano, pois no atual contexto social as mudanças acontecem rapidamente e a escola, como membro da sociedade, não é diferente.

Muitas são as questões problemáticas discutidas na atualidade sobre a qualidade das relações na comunidade escolar, no trato com os educandos ou mesmo entre os educadores, questões como a evolução das tecnologias, que trazem uma nova abordagem na forma de comunicação, mais interativa e dinâmica, novos paradigmas adotados pela sociedade, entre outras coisas que adentram os muros da escola, pois esses sujeitos estudantes ou educadores inserem no cotidiano a cultura ou costumes vivenciados no seu dia a dia.

Uma das características indispensáveis ao coordenador é a boa comunicação, expressar de forma clara e objetiva se fazendo entender facilmente, já que este deve ser um mediador das relações interpessoais e pedagógicas na escola, o que não é tarefa simples ,já que este precisa estar informado sobre as questões da escola, interagir ativamente na instituição, saindo da sua sala e vagando pelos corredores e salas, pesquisando também os sujeitos que dela fazem parte, para poder interferir eficientemente nas situações que lhe são conferidas , pois “para atuar como mediador é preciso se apropriar de conhecimentos sobre o grupo e o contexto de atuação das pessoas do grupo, a própria escola , com suas políticas , propostas e atores que dela participam”(PLACCO E SOUZA 2010, p .52).

Professores e coordenadores precisam trabalhar conjuntamente, visto que entre as tarefas do coordenador o atendimento ao professor figura como elemento essencial a sua práxis, pois o coordenador pedagógico deve possibilitar situações de

desenvolvimento e formação continuada, sendo que esta apresenta-se como relevante instrumento para que o coordenador possa observar as características do professor e conhecer um pouco mais do seu perfil, o que vai facilitar a sua intervenção junto a esse profissional, caso seja necessário.

Esse espaço de reuniões entre professores e coordenadores pedagógicos, deve ser aproveitado para refletir sobre as experiências do professor, enquanto sujeito social, através de momentos reflexivos sobre sua prática cotidiana como professor, permitindo que este vislumbre descobrir sua identidade profissional e seus objetivos enquanto educador.

É nesse processo que o coordenador, como agente de transformação, deve estar consciente sobre a importância do trabalho coletivo, para enfrentar os desafios que esse contexto oferece, por isso é necessário a elaboração de um projeto coletivo, com a participação daqueles que compõem o espaço escolar, para que as propostas estejam de acordo com a real situação dos sujeitos ali inseridos, e a construção desse projeto denominado de Projeto Político Pedagógico possa envolver os atores que compõem o espaço escolar, tendo em vista a importância desse projeto na escola, que de acordo com Libâneo (2008 p. 151), pode ser conceituado da seguinte forma: “[...] O Projeto Pedagógico, consolida-se num documento que detalha objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido na escola”.

Ainda de acordo com Vasconcellos (2009 p. 17) o projeto pedagógico “ trata-se de um importante caminho para a construção da identidade da instituição”. Tudo isso exige maior cuidado e postura diferenciada do coordenador que deverá desenvolver um projeto participativo. Na realização dessa atividade precisa conquistar a confiança dos sujeitos envolvidos, trabalhando para que as propostas ultrapassem as páginas do planejamento e tornem-se ações consolidadas no espaço proposto, o que qualifica ainda mais a imagem desse profissional frente a sua equipe de trabalho, ficando evidente seu engajamento com o trabalho que propõe realizar.

Dessa forma, a partir das reflexões acerca do funcionamento da organização escolar, e da função desenvolvida pelos profissionais que atuam nesse espaço, em especial as atribuições desenvolvidas pelos profissionais que atuam na

Coordenação Pedagógica da escola, emerge a necessidade de perceber qual o real papel do coordenador pedagógico no espaço escolar, em especial no espaço escolar da rede pública de ensino. Nesse sentido, essa reflexão feita neste artigo teve a sua gênese nas observações realizadas em três escolas do município de Salvador que atuam especificamente com as séries iniciais. Sendo assim, o foco dessas reflexões é compreender que papel o Coordenador Pedagógico desempenha nas Séries Iniciais.

Partindo dos diálogos tecidos com os coordenadores pedagógicos das escolas, quando evidenciaram suas angústias, crenças e valores salientando assim, os sentidos atribuídos pelos mesmos no que se refere evidencia-se: as relações interpessoais e sua influência no cotidiano escolar; a coordenação pedagógica seu papel no contexto escolar e a formação em serviço, o papel do coordenador pedagógico como elemento articulador da elaboração do Projeto Político Pedagógico.

1.1 AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E SUA INFLUENCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

As relações interpessoais são um requisito importante em todo espaço no qual permeiam diversas pessoas, e saber mediar as relações é um fator imprescindível a todo profissional que desempenha um papel de liderança. No âmbito da escola não é diferente, por isso cabe ao coordenador pedagógico, como educador e líder nesse espaço, ter boas relações com todos os segmentos da escola a que “a atuação do coordenador pedagógico se dá no campo da mediação” (VASCONCELLOS p.88, 2009).

Sabendo que as tensões entre os diversos segmentos da escola sempre irão surgir, tendo em vista a diversidade cultural apresentada neste contexto, é relevante que esse profissional tenha a capacidade de saber ouvir e perceber aqueles a quem lidera, e também fazer as observações necessárias no momento adequado, consciente de que é preciso “tempo para a construção da confiança que permite a coragem de expressar os seus próprios desejos” (BRUNO, 2009 p. 18).

Por isso esse quesito na pesquisa de campo nos remete a uma reflexão, já que os sujeitos aqui representados afirmaram não haver problemas nesse sentido, quando abordados como acontece a relação interpessoal junto à comunidade escolar. É o que observamos na fala de Violeta³ “existe uma relação de compromisso que se transforma em engajamento e esforço coletivo, através do contato diário na escola e das reuniões realizadas periodicamente ”(Violeta).

Nesta colocação a coordenadora da escola Margarida, evidência ter uma relação cordial com os sujeitos sociais da escola, o que facilita segundo ela o trabalho coletivo.

A coordenadora Camélia que atua na Escola (Girassol) nos fala sobre a relação amigável, afirmando ter um bom relacionamento com os integrantes da escola, sem maiores problemas nesse sentido. Em sua fala diz: “Tenho um relacionamento amigável com todos os setores da escola” (Camélia). A coordenadora pedagógica Cravo diz: “A relação entre alunos, gestores e demais componentes da comunidade escolar é boa”.

No entanto, apesar das afirmações expressas por estes sujeitos sociais, é possível perceber que no interior dessas instituições o que acontece é a caracterização de um coordenador, que no intuito de agradar a todos no contexto escolar, afim de não causar maiores aborrecimentos no grupo, com o objetivo de acalmar as relações, o leva em muitos casos a ir muito além do que deveriam ser suas tarefas, o que impulsiona ainda mais a questão da fragilidade quanto a sua identidade profissional.

Quando se trata da intercomunicação entre pais e coordenadores pedagógicos e sua relação, nas escolas observadas existe uma certa divergência, considerando o contexto de cada instituição. Na Escola Margarida, por exemplo, a coordenadora informa que “as reuniões de pais são bimestrais, os temas são o desempenho, pontualidade, fardamento , busca de apoio familiar e o que ocorrer” (Violeta). Nesta colocação fica claro que a escola ainda compreende as reuniões com os pais como um momento específico para trabalhar com pontos referentes ao controle do aluno, não valoriza esse momento como um espaço de diálogo que

³ Para situar o leitor os nomes aqui utilizados são fictícios.

possa contribuir para fomentar reflexões crítica sobre a escola no contexto contemporâneo seus desafios e o papel da família para orientar os nossos jovens na atualidade, enfim, outros temas que não sejam apenas queixas e notas dos alunos.

Vale salientar que nesta instituição as reuniões de pais acontecem em dois momentos: geral, quando os pais são recebidos pela gestão junto com a coordenação da escola, e em seguida nas salas para o atendimento específico junto ao professor de cada série, e a presença do coordenador pedagógico que realiza visitação em todas as salas buscando acompanhar e incentivar a inserção da família na escola, o que não acontece, visto que, as reuniões não compreendem a dinamicidade da contemporaneidade. Com esta ação a equipe gestora da Unidade Escolar acredita que fomenta a participação da comunidade externa na escola, de forma a incentivar a melhoria do desempenho do estudante.

Na Escola Orquídea a coordenação pedagógica discorre que as reuniões acontecem “ quando necessário , por problemas relacionados ao comportamento, e ensino aprendizagem” (Cravo). Assim nesse segundo depoimento é perceptível a pouca organização e valorização do diálogo entre escola e pais, demonstrando assim um envolvimento “frágil” entre a representante da escola e a comunidade tendo em vista que a mesma lança o convite para que a família esteja na escola com o principal objetivo de” tecer reclamações” sobre o estudante e dificuldades encontradas por ele o que diferencia a postura das educadoras frente a essa questão, pois a escola não demonstra empenho em fortalecer os laços entre escola e comunidade externa, subestimando os valores que esta pode agregar para a comunidade escolar em geral.

A terceira escola equipara-se à segunda, e nesse quesito, a professora Camélia coordenadora da Girassol informa que essas reuniões normalmente acontecem “ todo final de bimestre e abordam as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no dia a dia “ (Camélia). Assim, evidencia-se a pouca relevância dada a ligação escola comunidade tendo em vista os benefícios que a mesma pode agregar à escola, sendo um parceiro para as questões de ensino aprendizagem e (in) disciplina, buscando elevar a qualidade no sistema de ensino e demais circunstâncias que perpassam por este espaço.

1.2 O coordenador pedagógico: seu papel no contexto escolar e a formação em serviço

São diversas as ações que o coordenador pedagógico desenvolve em seu cotidiano na escola, contemplando desde as relações entre a comunidade escolar até a formação de professores atuantes em sala de aula. Contudo existe a necessidade de delimitar o papel deste profissional, como forma de qualificar aquelas atividades que competem a ele, principalmente quando se trata da formação docente, um dos principais papéis a serem desenvolvidos pelo coordenador pedagógico na escola.

Desse modo, quando se trata do papel do coordenador pedagógico na escola e sua identidade profissional, agrega-se algumas demandas, e assim, no âmbito desta pesquisa, os coordenadores explicitam o que esses sujeitos discriminam, como sendo competências a serem desempenhadas por eles, na escola.

A coordenadora Margarida escreve que as principais ações desenvolvidas por ela na escola são as de “provocar a reflexão sobre o dia a dia na sala de aula, organizar a prática do professor através de registro e acompanhar o processo de ensino aprendizagem do aluno”. A mesma valoriza os momentos de reunião entre professores para que estes exponham também questões pessoais que por ventura estejam acarretando problemas a sua prática, reconhecendo a importância desse espaço para sua atuação como coordenadora pedagógica, buscando apoiar o professor frente aos desafios que o contexto escolar impõe, sem contudo desmerecer o fato de que esse profissional é um ser humano carregado de emoções, e, como os alunos, também precisa ser assistido pelo coordenador.

A professora Cravo, coordenadora da Escola Orquídea informa que suas atividades na escola se resumem a “acompanhar os alunos no processo de ensino aprendizagem, organizar Atividade Complementar (AC) para acompanhamento de professores, e trabalho burocrático.” Quando relata o trabalho burocrático a mesma afirma o seguinte “são diversas atividades e não tem como se dedicar completamente a uma delas”(CRAVO). Atividade Complementar (AC) informada

nessa citação e outras no decorrer do texto referem-se ao momento de planejamento pedagógico proposto nas escolas da rede municipal da cidade de Salvador.

A professora/coordenadora Cravo além de desempenhar o papel de coordenadora pedagógica no turno vespertino, no período matutino assume o papel de gestora(vice-diretora), fazendo com que os papéis se misturem. No período em que deveria desenvolver a função de coordenadora, muitas vezes está às voltas com problemas administrativos , interferindo na qualidade do seu trabalho como coordenadora pedagógica, por estar mais envolvida nas questões burocráticas, do que de fato nas relações ensino aprendizagem, formação de professores, dentre outras questões relacionadas ao coordenador pedagógico.

A terceira coordenadora Camélia informa que as ações desenvolvidas na escola por ela são “ acompanhar o desenvolvimento dos alunos, coordenar a AC , os planos de aula dos professores e a elaboração de projetos ”(Camélia). Assim, Camélia sente a necessidade de amenizar as demandas do coordenador para que possa atender com maior qualidade o professor. Assim verifica-se que tanto a coordenadora da segunda escola , quanto a terceira sentem-se “ sufocadas” com a falta de definição quanto às atividades que deveriam desempenhar, o que termina por transformar-se em acúmulo de tarefas a serem desenvolvidas.

A coordenação é um processo que acontece no coletivo, pois não é possível assumir todas as responsabilidades da escola, agregando inúmeras tarefas e ainda desempenhar o seu papel com qualidade e comprometimento necessários para a evolução do trabalho pedagógico. Atuando como mediador no atendimento aos professores, e e sua mediação no processo reflexivo no que se refere a necessidade da constante qualificação da formação docente, uma das principais competências do coordenador pedagógico na unidade escolar, ratifica o que tem sido evidenciado mais uma vez nas escolas pesquisadas, que é o desconforto expressado pela coordenação, referente ao excesso de atividades desenvolvidas por ele diariamente.

Desta forma, o coordenador desempenha tantas outras funções que uma das mais relevantes, que refere-se às ações formativas em serviço, são deixadas para segundo plano. Assim, é fundamental pensar nas reuniões pedagógicas como

momentos destinados a fazer com que o educador vivencie o processo de ação-reflexão-ação, ou seja, que ele possa repensar as suas atividades em sala de aula de maneira construtiva com base em conhecimentos teóricos, para que essa reflexão possa impactar positivamente em sua prática.

E então esse professor, reflita sobre a/na ação, aproveitando esse momento “como espaço de reflexão crítica, coletiva e constante da sala de aula e da instituição”. (VASCONCELOS 2009, p.120), não sendo necessário que este educador deixe a unidade escolar para que essa formação aconteça, podendo ser adaptada à rotina dos educadores.

Neste sentido, nas escolas pesquisadas foi observado que as reuniões pedagógicas denominadas de Atividades Complementares acontecem quinzenalmente. Estes momentos deve ser utilizados também como momento de formação continuada do professor, além de desenvolver o planejamento das atividades pedagógicas a serem desempenhadas na sala de aula e outras atividades.

Nesse contexto o coordenador pedagógico precisa assumir a postura de mediador, realizando uma de suas principais atividade nesse espaço, se não a mais importante, que é auxiliar o professor em suas dificuldades relacionadas à pratica na sala de aula ,como comenta (PESSÔA 2010 p.101)”ao coordenador cabe, portanto a responsabilidade por viabilizar espaços de encontros pedagógicos” , destacando que essas reflexões do cotidiano devem ter também o apoio do saber teórico, adquirido através de leituras e pesquisas, não resumindo esses encontros a mera sistematização da prática.

Quando questionada sobre como acontece a organização da AC, a coordenadora da Escola Margarida citou o seguinte “ os encontros são quinzenais e o planejamento é construído coletivamente, observando-se as séries e algumas peculiaridades”(Violeta).

Em relação a essas peculiaridades citadas pela coordenadora, está inserida a forma de planejar os conteúdos de maneira a incluir ou propor atividades diferenciadas aos alunos que ainda não estão alfabetizados, apesar de inseridos em

séries mais adiantadas, como o 4º e o 5º ano de escolarização, além de problemas com (in) disciplina e demais acontecimentos do cotidiano.

Nessa instituição a AC tem um caráter formativo pois a coordenadora sempre dispõe para o grupo de professores, literaturas, filmes, dentre outras sugestões que possam enriquecer os seus conhecimentos científicos, além de situações a serem trabalhadas na sala de aula, e ainda flexibiliza esses momentos para que o professor possa expressar suas angústias e necessidades frente ao atual contexto educacional, sendo esta uma das propostas da formação continuada.

Na Escola Orquídea os momentos da AC são percebidos como oportunidade de planejar as atividades que deverão ser desenvolvidas em sala de aula, desvalorizando a troca de experiências e o valor que esta pode agregar aos demais participantes, ao afirmar que “acompanhar os planos de aula”(Cravo), é uma das principais atividades da AC sem que seja citadas outras questões, o que provoca o distanciamento entre coordenação e professores, dificultando um dos maiores desafios do coordenador na escola que é a realização do trabalho coletivo.

Nesse contexto tendo em vista o caráter multidisciplinar que a escola contemporânea apresenta, solicita-se do coordenador pedagógico essa habilidade de trabalhar na coletividade, pois o trabalho isolado sem a colaboração de outros sujeitos que fazem parte do cotidiano escolar, dificulta a realização de propostas que incluam todos os sujeitos da escola.

1.3 A COORDENAÇÃO E O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O Projeto Pedagógico é o documento que rege as práticas na escola, pois deve conter as ações que se pretende realizar nesse espaço, de acordo ao contexto do sujeitos inseridos nesse ambiente, definido também como :

a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se objetiva na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar, a partir de um

posicionamento quanto à sua intencionalidade e de uma leitura da realidade. (VASCONCELLOS 2009 p. 17).

O que esclarece sobre os objetivos traçados e sua flexibilidade, a depender das necessidades da instituição. Ao questionar às coordenadoras pedagógicas integrantes dessa pesquisa sobre a existência desse projeto e sua participação na formulação do mesmo, ficou evidente, que este ainda tem sido uma ferramenta de segundo plano, tendo em vista a afirmação: “o projeto pedagógico está em fase de construção, pois envolve varias ações que são difíceis de serem realizadas” (Violeta).

Então o critério liderança e mediação mais uma vez entra em evidencia nesta fala, pois revela a dificuldades em mediar as relações no interior da escola, afim de desenvolver um Projeto Político Pedagógico coletivo, abrangendo as necessidades daqueles que permeiam a escola. Sem um plano bem traçado sobre as direções pedagógicas da escola, esta pode arrisca-se a permanecer apenas com a teoria, com dificuldades para colocar em prática ações propostas, pela falta de sistematização e organização dos processos de aprendizagem, e demais questões a serem solucionadas.

Duas das escolas integrantes dessa pesquisa têm um Projeto Político Pedagógico, contudo não demonstram maiores interesses por ele como na Escola Orquídea:

Temos um projeto pedagógico, mas esta defasado, pois foi construído a mais de três anos, não participei da formulação, já estava pronto quando cheguei a escola , é preciso construir outro projeto, mas a quantidade de atividades dificultam esse trabalho. (Cravo)

Relatos da coordenadora da Escola Girassol demonstram uma postura equivalente à instituição anterior: “quando cheguei à escola o Projeto Político Pedagógico já estava pronto, soube que ele foi elaborado já tem alguns anos e acho que precisa ser revisto”(CAMELIA).

Contudo não foi possível ter acesso a esse documento nas duas escolas que afirmaram existir e de acordo com as mesmas, a pasta com o referido documento estava em local de difícil acesso (no armário da escola ou prateleiras), não dispondo

de tempo para procurá-lo. Assim evidencia-se a dificuldade do coordenador em mobilizar a comunidade escolar para a construção do documento, além de demonstrar que o mesmo ainda não é visto como instrumento central no setor de coordenação, pois mesmo nas escolas que afirmaram sua existência, suas representantes não tiveram um contato direto com ele, afim de integrarem-se às normas nele estabelecidas.

Se o projeto pedagógico, conceituado nesse trabalho como documento norteador das práticas escolares, não faz parte ou não é considerado documento central na coordenação das atividades pedagógicas, traz à tona a reflexão sobre a forma ainda centralizadora em que a escola estabelece suas metas e metodologias de trabalho, ainda com dificuldades em desenvolver um trabalho coletivo, tendo em vista a complexidade que essa atividade requer do seu articulador. Tudo isso incentiva a ideia de que a escola está defasada e aborda questões que não estão articuladas com o que interessa à sociedade ou que nela está sendo discutido, o que contribui para o processo de “sucateamento” da mesma, refletida como um espaço descontextualizado e desinteressante, estimulando o aumento da evasão escolar e repetência, tendo em vista a falta de motivação dos estudantes que integram o seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ABDIAN, Graziela Zambão; MACHADO, Lourdes Marcelino (orgs.). Administração e Supervisão Escolar: questões para o novo milênio. Marília, SP: M3T Tecnologia e Educação, 2008.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PALLACO, Vera Maria de Souza (orgs.). O Coordenador Pedagógico e Questões da: Contemporaneidade. São Paulo: Loyola, 2006.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PALLACO, Vera Maria de Souza (orgs.). O Coordenador Pedagógico e o Cotidiano da Escola. 5º ed. São Paulo: Loyola, 2008.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PALLACO, Vera Maria de Souza (orgs.). O Coordenador Pedagógico e o atendimento à diversidade. São Paulo: Loyola, 2010.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PALLACO, Vera Maria de Souza (orgs.). O Coordenador Pedagógico e os desafios da educação. São Paulo: Loyola, 2010.

ANDRADE, Ana Paula. A Relação Teoria e Prática do Coordenador Pedagógico na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Revista Gestus. Pernambuco. Disponível em: [HTTP://<www.facol.com/gestus/atual.htm>](http://www.facol.com/gestus/atual.htm), acesso em: 14 -05- 2011.

BRASIL Lei nº 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Diário oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. MEC.1996.

BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (org) .O Coordenador Pedagógico e a Formação Docente .10ªed .São Paulo: Loyola, 2009.

BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (org) .O Coordenador Pedagógico e a Educação Continuada .10ªed .São Paulo: Loyola, 2009.

CULTURA. Secretaria Municipal de Educação. Coordenador Pedagógico: Traçando caminhos para a sua prática educativa. Disponível em [HTTP://<www.smecc.salvador.ba.gov.br >](http://www.smecc.salvador.ba.gov.br), acesso em: 25 -05- 2011.

FRANCO, Maria Amélia Santoro ; PIMENTA, Selma Garrido (orgs.). Pesquisa em Educação: Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa ação vol 2. São Paulo: Loyola, 2008.

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 23ª ed . São Paulo: Autores Associados: Cortez ,1989.

GEGLIO. Paulo César. O papel do coordenador pedagógico na formação do professor em serviço. IN: PLACCO. Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA. Laurinda Ramalho(orgs). O Coordenador Pedagógico e o Cotidiano da Escola. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.p.113-118.

MEDINA. Antonia da Silva. Supervisão Escolar: da ação exercida a ação repensada. Porto Alegre, RS, AGE,2002.

PESSÔA. Lilian Corrêa. Coordenação de professores alfabetizadores: um desafio a ser vencido.IN: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PALLACO, Vera Maria de Souza (orgs.). O Coordenador Pedagógico e o atendimento à diversidade. São Paulo: Loyola, 2010 . p. 99-110.

RANGEL, Mary (org.).Supervisão Pedagógica: Princípios e práticas.8ª ed, Campinas, SP: Papirus, 2001.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 11ªed. São Paulo: Libertad Editora, 2009.